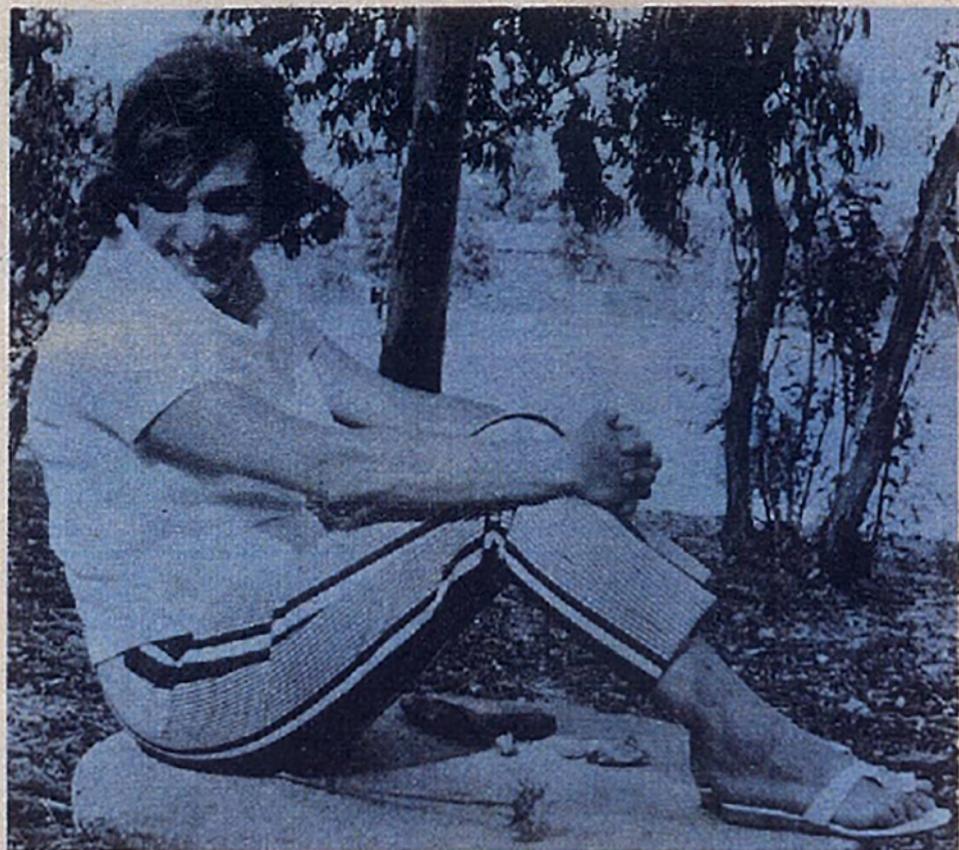


As jóias DE KUKAS



FOMOS ver as tão faladas jóias de Kukas. E, confessamo-lo, de início, ficámos um tanto perplexo com as «estranhas» formas das pedras com que deparámos. Mas, ao fim de escassos minutos, também nós nos rendemos a uma plástica que, fugindo aos moldes clássicos, tem, incontestavelmente, uma beleza diferente.

Quisemos saber como sugira a ideia e Kukas contou-nos:

— Em 1958, fui a Paris tirar o curso da Escola Superior de Decoração de Arte Moderna. Mas tudo começou há cinco anos. Uma tia minha fazia anos e eu imaginei um desenho para um broche que pretendia oferecer-lhe. Levei o desenho a uma oficina, mas lá ficaram espantados e sem perceberem bem o que eu queria, pelo que acabei por ser eu própria a fazer o broche... A verdade é que, depois disso, me entusiasmei e, num pequeno «atelier» que montei em casa, fui começando a fazer mais jóias, primeiro para mim, mais tarde

também para pessoas amigas que me pediam — Dai às exposições foi um passo...

— E como tem reagido o público?

— Ao princípio, há sempre uma certa relutância das pessoas em aceitarem formas novas, mas, a pouco e pouco, o público tem vindo a reagir excelentemente. Também uma senhora francesa, que dirige a parte de Arte da UNESCO, gostou imenso e achou muito original a minha ideia de utilizar as pedras quase no seu estado bruto.

— Não concorda, portanto, com a lapidação?

— De modo algum, pois, a meu ver, a lapidação é destruir as pedras. Além de que penso ser altura de se fugir aos moldes tradicionais e habituar as pessoas a olharem as pedras de outra maneira. O que é fundamental não é as jóias serem caras, o que importa é serem uma forma de Arte...

— No estrangeiro, já é corrente o seu género de trabalho?

— Sim, sobretudo na Escandinávia, onde se deu um grande passo para o progresso das Artes Decorativas em todo o mundo. Mas, apesar disso, também lá se está abusando um pouco de formas estereotipadas que, na minha opinião, começam a precisar de uma «injecção» de latinismo...

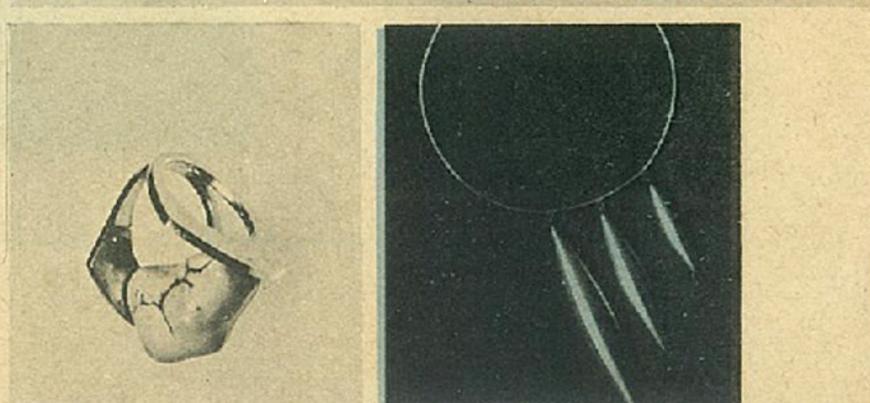
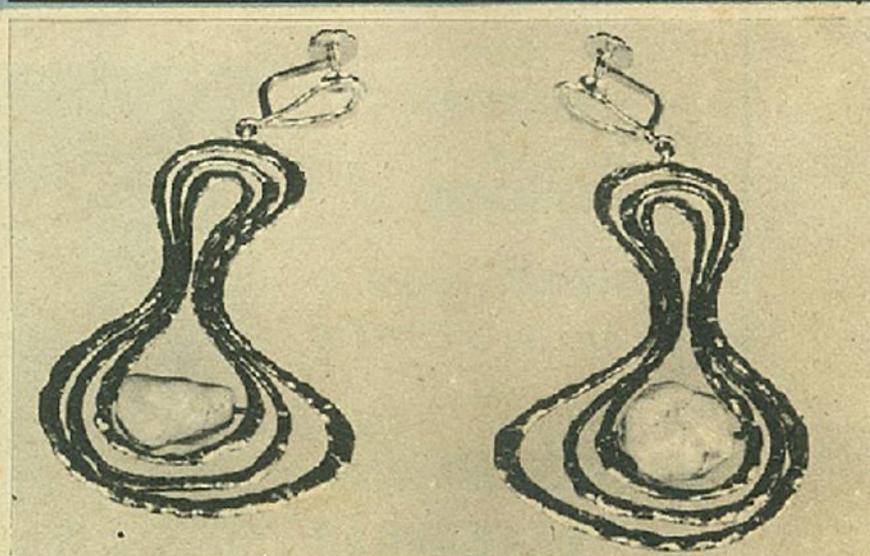
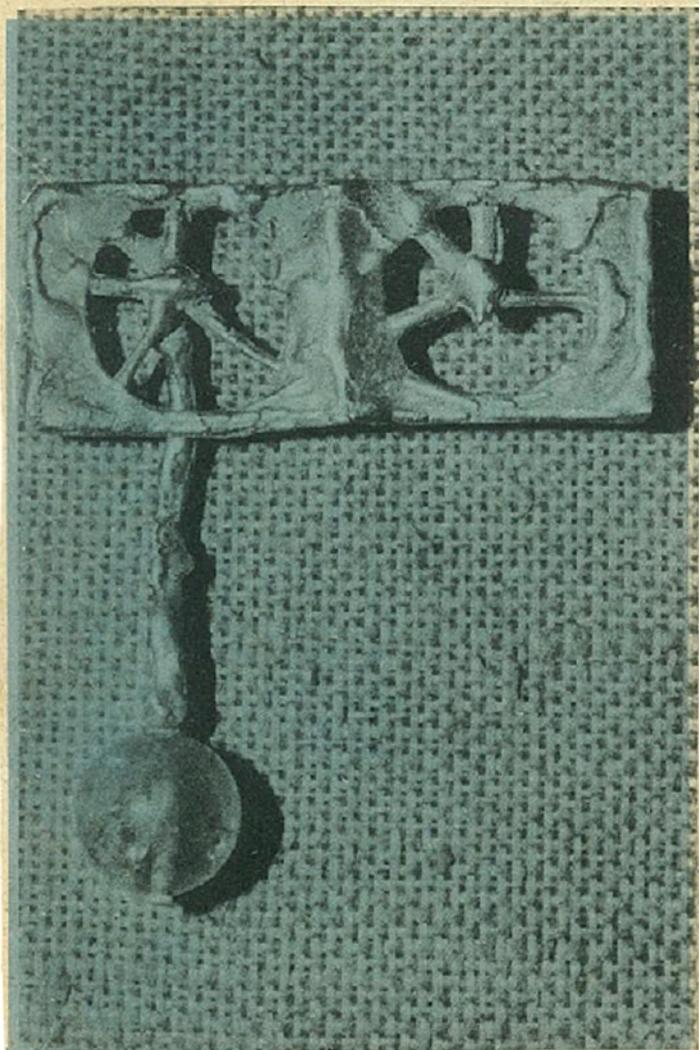
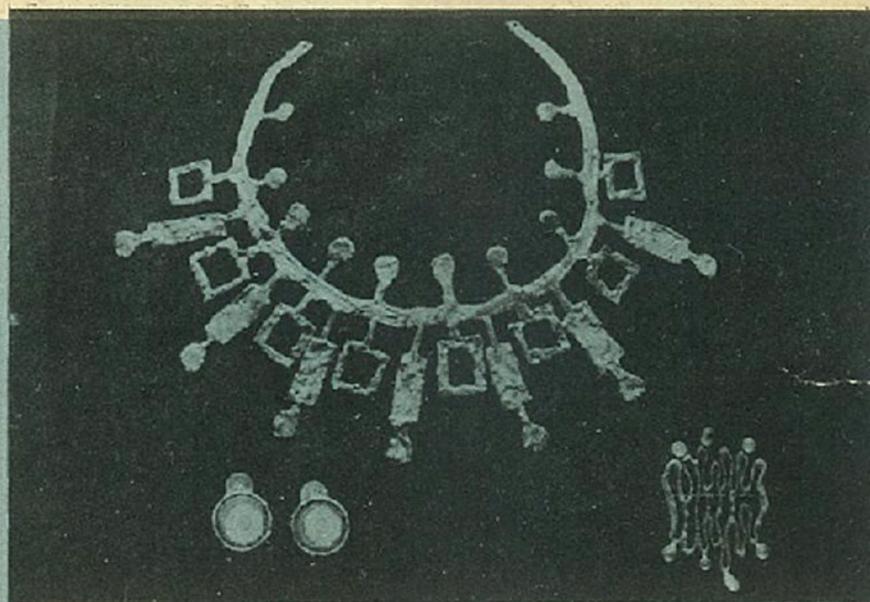
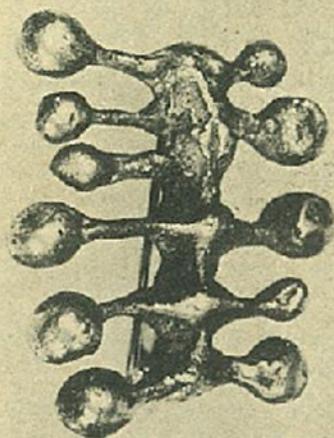
— Interessar-lhe-ia a produção industrial?

— Sim, sem dúvida, mas não tenho dinheiro para me «lançar» numa produção de grande envergadura... Penso, no entanto, que se justificam

sempre as peças únicas, feitas por encomenda e, portanto, com outra originalidade.

— Criou o seu estilo de jóias pensando na «nova vaga»?

— Não necessariamente apenas com o pensamento na juventude. A minha principal intenção foi criar jóias que, sem fugirem à dignidade dos materiais, saiam fora da ideia convencional de que só o que é caro tem valor... E, por outro lado, temos de acompanhar a moda. Não podemos andar de «mini-saia» e jóias pseudo-bizantinas!...



RECUSE A SOLIDÃO..... Continuação

culdade em sustentar uma casa com quatro filhos; que, ao menos à noite, me deixem descansado.

E fá-lo de boa fé. Toda a gente tem o que precisa, não é? Que o deixem em paz, em troca disso. A educação dos filhos? Isso diz respeito a Clara.

E após uma tirada deste género, mergulha na leitura do jornal. E Clara, resignada, engole tudo o que tinha vontade de contar-lhe.

Uma casa de seis pessoas e Clara sente-se mais só e mais triste, que todas as celibatárias que encontrei.

É que Clara, desejosa de fazer feliz o seu pequeno mundo, esquece-se de si própria.

Não se concede tempo para ler, ver televisão, ir ao cinema, estar a par. Seria melhor deixar um botão caído, mas estar ao corrente da última moda, do último disco, da última dança.

Mas Clara encolhe os ombros e diz: «Tudo isso é muito superficial. Já não tenho idade para essas coisas.»

Não, Clara, porque os seus filhos estão nessa idade. Aprenda a falar a mesma linguagem que eles, a entrar com um passo seguro no mundo deles, não ter o ar tímido duma «convidada», mas saber, natural e simplesmente, ser companheira. Os seus filhos deixarão de pô-la à parte e sentir-se-ão bem a seu lado. Interesse-se pelos problemas da juventude, aprenda a conhecê-la. É uma grande sorte ter filhos, é um penhor de juventude, saiba explorá-lo.

60 ANOS: VERA, SENTE-SE VERDADEIRAMENTE SÓ

Teve bastantes filhos: sete. Tem dezasseis netos! Mas quase todos vivem na província, vendendo apenas durante as férias.

Está terrível e desesperadamente só. Desorientada, vagueia pelo casarão vazio.

— Foi tudo muito depressa. Casei seis filhos em oito anos. A última está em viagem de estudo na América.

Que fazer, dos longos dias vazios, silenciosos? Como preencher aqueles longos ócios que nunca teve? Como o tempo passa depressa! Será possível que ao rumor duma grande família se suceda um tal silêncio?

E quem lamentará Vera? Ela teve um belo quinhão de felicidade, que mais quer?

Trinta anos passados ao serviço do marido e dos filhos. Tão pouco tempo para pensar em si, para se ocupar com outra qualquer coisa que não fossem eles!

— Como passou depressa — suspira Vera. — Daria seis anos da minha vida, para voltar a ter um filho, pequenino, ao meu colo, nem que fosse só por uma hora.

A quem pode ajudar agora, ser útil? Os filhos têm as casas deles, a sua própria família. Acabaram os melhores anos.

E os dezasseis netos?

Estão longe, vê-os pouco e depois têm os pais para cuidar deles, não é a mesma coisa.

Não está afelta à solidão e não se conforma. E os amigos? Não teve tempo de arranjá-los, com toda aquela família: Viagens? Só se for sózinha...

E Vera vê aproximar-se a velhice com horror...

Mas então já ninguém precisa de mim? E o seu desespero é profundo, muito profundo.

Porque a solidão da velhice é a pior de todas.

Mas Vera não é velha. É preciso que se renda à evidência: os filhos já não precisam dela.

A sua missão está terminada. Cumpriu o seu dever. E os filhos, se tiverem necessidade dela saberão chamá-la. Saiba, pois, aguardar tranquilamente esse apelo... E enquanto espera é preciso criar uma ocupação para preencher o vácuo, que nunca conheceu. Porque não trabalha? É verdade que já não tem vinte anos. É difícil arranjar um emprego com a sua idade, mas muitos patrões começam a aperceber-se que a mão-de-

obra «duma certa idade» resulta, é mais regular, mais consciente profissionalmente, menos ausente, passada a idade das maternidades... Portanto, fale, procure à sua volta, faça a sua pequena publicidade. Não desencoraje.

Mas mesmo sem se empregar, Vera podia descobrir uma actividade útil, descobrir um «hobby».

A sua energia que tanto serviu durante trinta anos, pode dispendê-la com os órfãos, os doentes, os desamparados... É um crime guardá-la para si.

Deixe os desgostos estêreis, as lamentações do passado, e faça projectos, muitos projectos.

Todas as idades têm a sua solidão mais ou menos profunda. Não deixem este pequeno vírus instalar-se, manhosamente, nas vossas vidas. Combatam-no com determinação porque nunca resistiu à coragem e à vontade. E você também conseguirá vencê-lo, se encarar a vida de frente.

CARREIRAS DE LISBOA

para

MADEIRA

e

AÇORES

CONTACTE COM O
SEU AGENTE
OU

**EMPRESA INSULANA
DE NAVEGAÇÃO**

Rua Augusta, 152
Telef. 37 03 41
LISBOA - 2

Fins de semana inolvidáveis, com partida às 5.^{as} feiras e regresso às 2.^{as}! Preços a partir de 1.074\$00

**Oferece
o melhor
serviço marítimo**

